



Saberes camponeses e construção do paradigma da convivência com o Semiárido: um olhar desde o Sertão do Pajeú, Pernambuco, Brasil
Knowledge of peasants and construction of the paradigm of coexistence with the Semiarid: a look from the Sertão do Pajeú, Pernambuco, Brasil

SILVA, Valcilene Rodrigues¹; PEREIRA, Mônica Cox de Britto²

¹ UFPE, valcilener@gmail.com; ² UFPE, monicacoxbp@gmail.com

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: A pesquisa buscou refletir sobre o papel dos saberes camponeses para a construção do paradigma de convivência com o Semiárido. Foi realizada com camponeses e camponesas da comunidade rural, Sítio Caldeirão, Brejinho, Pajeú pernambucano. Os resultados mostram que as famílias sertanejas vivem sob a lógica da convivência com a região. Para isso, utilizam diversos saberes em relação aos períodos de estiagem para o armazenamento da água de chuva, seleção e armazenamento de sementes crioulas, armazenamento de forragem e grãos para os animais; utilizam diversos saberes em relação ao solo para plantar a semente certa na época certa; saberes em relação à organização social com parentes, vizinhos e políticos da região. Nesse sentido, conclui-se que ao aplicar essa diversidade de saberes, as famílias camponesas do Sertão do Pajeú estão contribuindo significativamente para a conservação da agrobiodiversidade, para a diversidade política e cultural no Semiárido e estão caminhando para além do desenvolvimento.

Palavras-chave: conhecimentos tradicionais; campesinato; sociabilidade rural; agroecologia.

Keywords: traditional knowledge; peasantry; rural sociability; agroecology.

Introdução

O Semiárido é uma região rica, diversa e multifacetada, mas desde o período colonial sofre devastação das formações vegetais, degradação do solo, empobrecimento da população local (ANDRADE, 1987), perdas da diversidade biológica e cultural em função da lógica colonial-moderno-capitalista implantada na região. Apesar disso, muitos camponeses e camponesas vivem em resistência para manter seu modo de vida e as formas de produção em conexão com as características da região semiárida e caminham na contramão do modelo de produção dominante. Nesse sentido, o estudo foi desenvolvido na comunidade Sítio Caldeirão, município de Brejinho, mesorregião do Sertão do Pajeú, Pernambuco, Brasil. Buscou refletir sobre o papel dos saberes camponeses para a construção do paradigma de convivência com o Semiárido e para a descolonialidade do poder e do saber que incide historicamente na região. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa com resultados parciais de um trabalho de doutorado em andamento realizado com 14 camponeses e camponesas da Comunidade Sítio Caldeirão.

Da ideia de Nordeste ao paradigma da Convivência com o Semiárido

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999, p. 13), até meados de 1910, o Nordeste não existia. Não se pensava em Nordeste e os nordestinos não eram percebidos, nem criticados. “As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo Federal para resolver o problema de falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e de sede”. Para o autor o problema mal era anunciado; era apenas vivido. Ou seja, o Nordeste tal como se encontra na literatura não existiu desde sempre. A produção desse lugar foi criada ao longo de décadas e partir de diferentes discursos que lhe atribuíram determinadas características físicas e investiram em inúmeros atributos morais, culturais e simbólicos. Discursos esses que impuseram sua identidade ou seu atraso, como supostamente naturais e resultantes das difíceis condições geográficas e climáticas, dos efeitos da miscigenação da raça, do predomínio dos negros sobre os brancos, de uma natureza irrecuperável, perdida. “A ideia de Nordeste foi construída designando-o na maior parte das vezes de forma pejorativa, como lugar do atraso, do rural e do passado persistente, valorizando em contra partida o Sudeste e o Sul como espaços do progresso, da razão e do futuro” (p.14).

Uma história contada a partir de um olhar de fora da região ou por uma elite local totalmente descontextualizada da realidade. Como menciona Boaventura de Sousa Santos, além do legado de desigualdades deixados pelo processo de colonialismo e imperialismo, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impossibilita compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias (SANTOS, 2018). Para o autor, a elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Está em jogo a imposição de certos grupos sobre os demais.

Nesse contexto, como afirma Albuquerque Júnior (1999) existem múltiplas e sofisticadas formas nas quais o Nordeste é excluído social e culturalmente, especialmente, as estratégias invisíveis do poder no campo discursivo, “que nos capturam, através das quais somos falados, sem que muitas vezes percebamos suas redes e armadilhas”. Assim, se faz necessário dar lugar a novas espacialidades de poder e de saber. Daí a importância de pensar em Semiárido ao invés de Nordeste, pois o termo Semiárido é menos carregado de significados pejorativos. Igualmente, é preciso que a história do que hoje é Nordeste seja recontada pelos sujeitos que o compõem e a partir da realidade que os cercam.

O paradigma da convivência com o Semiárido quebra com a visão de "região problema dominada pela seca", constante e evidente nos discursos e na formulação de políticas públicas para a região. Reconhece as populações do semiárido não como simplesmente receptoras de conhecimentos e de pacotes tecnológicos, mas como sujeitos que produzem os conhecimentos necessários à sua reprodução, sem negar, com isso, a necessária interrelação com outras populações, conhecimentos e tecnologias (MALVEZZI, 2007). O paradigma de convivência com o semiárido propõe a descolonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 1992), (MIGNOLO, 2003), que esteve historicamente centrado em alguns centros, regiões e pessoas,



tipos de conhecer e de tecnologias, que desconhece e desvaloriza outros como mencionam (MALVEZZI, 2007) e (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

Saberes camponeses e convivência com o semiárido no Sertão do Pajeú, Pernambuco

Sabe-se que as políticas públicas governamentais voltadas para a agricultura do Semiárido, apesar de alguns avanços, ainda são embasadas numa visão desenvolvimentista e predatória de exploração dos bens naturais visando apenas o lucro e sem nenhuma preocupação com os problemas de ordem ecológica e social. Foi passando de geração em geração que os conhecimentos tradicionais foram se enraizando na região semiárida, e que até hoje resistem às políticas e aos modelos impostos pela lógica colonial-moderno-capitalista de produção. Rocha (2013) menciona que é diante das adversidades climáticas e dos ensinamentos da natureza que camponeses e camponesas do semiárido aprendem a planejar suas atividades de produção de forma diversificada, de modo a assegurar sua soberania alimentar e seu modo de vida.

Camponeses e camponesas para conviver com o semiárido lutam contra a colonialidade do saber que os consideram como ignorantes, não produtores de conhecimentos e, conseqüentemente, objeto e não sujeito dos processos tecnológicos e de produção (BAPTISTA; CAMPOS, 2013). Quando se trata de assistência técnica, por exemplo, os autores afirmam que os processos de extensão implementados junto aos camponeses e camponesas do Semiárido, nos últimos tempos têm desvalorizado os saberes e tecnologias considerando-os como obsoletos e improdutivos.

No entanto, é a partir dos diversos saberes passados de geração em geração que o povo do Semiárido vive e convive com a região, mesmo quando a assistência técnica não chega. Como mencionam WOORTMANN e WOORTMANN (1997) o trabalho é fundante na vida dos camponeses e permeado pelo saber técnico e o saber simbólico que se complementam entre si. Os camponeses dominam o saber fazer e organizam seus agroecossistemas com base em vários fatores como as condições do solo, a disponibilidade de água, as necessidades alimentares da família, as plantas que são companheiras ou alelopáticas, dentre outros. Já os saberes simbólicos garantem o domínio das crenças religiosas que vão além das relações produtivas. Os elementos da natureza, como a lua, atuam profundamente sobre a tomada de decisões, no planejamento e na execução das atividades agrícolas. Os camponeses e camponesas lançam mão de seus saberes sobre os elementos simbólicos, abstratos e sobrenaturais para intervir em suas atividades cotidianas, demonstrando que suas percepções representam também suas conexões com a natureza circundante.

Dentre os diversos saberes técnicos e simbólicos mencionados pelos camponeses e camponesas da pesquisa destacamos os seguintes:



- Os camponeses mencionam que a criação diversificada de animais assegura uma renda monetária em curto e longo prazo. Existem estratégias e a venda acontece de acordo com as necessidades imediatas da família;
- A diversificação dos cultivos traz benefícios que vão além da produção diversificada de alimentos, envolve o cuidado com o próprio agroecossistema;
- Os quintais produtivos nos “arredores de casa” são formas de otimizar o tempo e ter o alimento nas proximidades;
- Os saberes para manejar forragem como a fenação e a ensilagem são indispensáveis para garantir a alimentação dos animais em épocas de estiagem;
- Os bancos de sementes crioulas foram aprendizados importantes para plantio na safra seguinte.
- Muitos camponeses utilizam indicadores de clima baseados na fenologia (início da floração). “mandacaru quando fulora na seca é o sinal que a chuva chega no sertão”. Esses conhecimentos são resultados da observação e da experimentação;
- Ainda com base na observação e experimentação muitas tecnologias sociais foram desenvolvidas como as cisternas de placas de 16 mil litros, cisterna-calçadão, cisterna-enxurrada, barragem subterrânea, barreiros trincheira, barraginha, tanque de pedra e bomba d'água popular que aproveitam o conhecimento e as práticas locais para viabilizar os agroecossistemas;
- Apesar da hegemonia do capitalismo existem outras formas de produção e consumo (economia solidária), como os bancos de sementes crioulas, os mutirões, os fundos rotativos solidários e as feiras solidárias que são formas de convivência e resistência no Semiárido;
- Saberes importantes também mencionados, diz respeito ao beneficiamento da produção e comercialização de forma coletiva. Tendo em vista que ao eliminar o atravessador garantem preço mais justo pelo produto para o produtor e consumidor;
- Datas como 19 de março, dia de São José significa que se chover na semana haverá chuvas suficientes para a produção;
- Quando tem uma safra boa de umburana de cheiro é sinal de que o ano seguinte terá um bom inverno;
- Observa-se qual lado o umbuzeiro produz mais frutos, pois do lado que tiver uma carga de frutos maior significa que as chuvas será melhor para aquele lado.
- Dia 25 de dezembro e 1º de Janeiro quando amanhece com uma barra de nuvens no nascente é sinal que será um ano de chuvas.
- Dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, e 06 de janeiro dia de reis são dias de grandes possibilidades de chuvas e se não chover nessas datas é um péssimo sinal para as chuvas.

Nesse sentido, observa-se o que no campesinato não existe distinção entre o espaço produtivo e o social, entre os saberes técnicos e simbólicos. Os camponeses e camponesas encontram formas criativas de sobrevivência em estreita relação com o seu trabalho e com a natureza. Nesse sentido, é fundamental uma assessoria



técnica que entenda a atuação a partir da perspectiva da Agroecologia reconhecendo as práticas de convivência e aberta ao diálogo de saberes.

Conclusões

O paradigma da convivência com o Semiárido procura ir além do desenvolvimento que segue um caminho traçado, universalmente válido e baseado na ciência moderna. Busca valorizar os conhecimentos e saberes que estejam situados e contextualizados na realidade semiárida, sem necessariamente excluir outros saberes. Os diversos saberes camponeses podem apresentar soluções específicas para resolver os problemas sociais e ambientais da região, tendo em vista que segue uma lógica distinta do modelo dominante de produção, do patriarcado e do colonialismo que impõe relações depredadoras da natureza e das pessoas. Nesse sentido, conclui-se que ao aplicar essa diversidade de saberes, as famílias camponesas do Sertão do Pajeú estão contribuindo significativamente para a conservação da agrobiodiversidade, para a diversidade política e cultural no Semiárido e estão caminhando para além do desenvolvimento, a partir de estratégias que resultam em ampliação de autonomia.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. D. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, M. C. D. **O Nordeste e a Nova República**. Recife: Asa, 1987.

BAPTISTA, N. D. Q.; CAMPOS, C. H. Caracterização do Semiárido Brasileiro. In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, O. E. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília: IABS, 2013. p. 45-51.

MALVEZZI, R. **Semiárido: um visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projeto globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad-racionalidad. In: BONILLO, H. **Los Conquistados**. Bogotá: Tecer Mundo, Flacso, 1992. p. 437-449.

ROCHA, J. C. D. Soberania e Segurança Alimentar no Semiárido. In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, O. E. **Convivência com o Semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília: IABS, 2013. p. 107-116.

SANTOS, B. D. S. **Construindo as Epistemologias do Sul: para um pensamento alternativo de alternativas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, v. Volume I, 2018.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Ed. UNB, 1997.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.